

94

*Performance e sua Diversidade como Paradigma  
Analítico: A Contribuição da Abordagem de  
Bauman e Briggs*

*Esther Jean Langdon*

**2007**

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

**Reitor** Lúcio José Botelho  
**Vice-Reitor** Ariovaldo Bolzan

### CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

**Diretor** Maria Juracy Filgueiras Toneli  
**Vice-Diretor** Roselane Neckel

**Chefe do Departamento de Antropologia** Antonella M. Imperatriz Tassinari

**Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.** Oscar Calávia Sáez

**Sub-Coordenador** Sônia W. Maluf.

### ANTROPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO

**Editor** Rafael José de Menezes Bastos

**Comissão Editorial do PPGAS** Carmen Sílvia Moraes Rial  
Maria Amélia Schmidt Dickie  
Oscar Calávia Sáez  
Rafael José de Menezes Bastos

**Conselho Editorial** Aldo Litaiff  
Alicia Castells  
Antonella M. Imperatriz Tassinari  
Dennis Wayne Werner  
Deise Lucy O. Montardo  
Esther Jean Langdon  
Ilka Boaventura Leite  
Maria José Reis  
Márnio Teixeira Pinto  
Miriam Hartung  
Miriam Pillar Grossi  
Neusa Bloemer  
Silvio Coelho dos Santos  
Sônia Weidner Maluf  
Theophilos Rifiotis

Solicita-se permuta/Exchange Desired

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

*Antropologia em Primeira Mão*

2007

**Antropologia em Primeira Mão** é uma revista seriada editada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Visa à publicação de artigos, ensaios, notas de pesquisa e resenhas, inéditos ou não, de autoria preferencialmente dos professores e estudantes de pós-graduação do PPGAS.

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências Humanas  
Núcleo de Publicações de Periódicos  
do CFH - Campus Universitário - Trindade  
88040970 Florianópolis SC, Brasil  
Fone: 37219457

**Coordenadora do NUPPe**

Carmen Rial

**Editoração eletrônica**

Jane Mary Carpes Gonzaga

**Secretaria do NUPPe**

Luiz Carlos Cardoso e

Jane Mary Carpes Gonzaga

**Copyright**

Todos os direitos reservados. Nenhum extrato desta revista poderá ser reproduzido, armazenado ou transmitido sob qualquer forma ou meio, eletrônico, mecânico, por fotocópia, por gravação ou outro, sem a autorização por escrito da comissão editorial.

No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording or otherwise without the written permission of the publisher.

Catálogo na Publicação Daurecy Camilo CRB-14/416

Antropologia em primeira mão / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995)- .— Florianópolis : UFSC / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1995 - v. ; 22cm

Irregular  
ISSN 1677-7174

1. Antropologia – Periódicos. I. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social.

Toda correspondência deve ser dirigida à  
Comissão Editorial do PPGAS  
Departamento de Antropologia,  
Centro de Filosofia e Humanas – CFH,  
Universidade Federal de Santa Catarina,  
88040-970, Florianópolis, SC, Brasil

fone: (0.XX.48)3721.93.64 ou fone/fax (0.XX.48) 3721.9714

e-mail: [ilha@cfh.ufsc.br](mailto:ilha@cfh.ufsc.br)

[www.antropologia.ufsc.br](http://www.antropologia.ufsc.br)

# Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs<sup>1</sup>

*Esther Jean Langdon<sup>2</sup>*

Na reconfiguração do pensamento social contemporâneo, o campo da performance se apresenta como espaço interdisciplinar importante para a compreensão dos gêneros de ação simbólica. A antropologia da performance, que surge nas interfaces de estudos do ritual, do teatro e da interação social, amplia questões clássicas do primeiro para tratar de um conjunto de gêneros performativos encontrados em todas as sociedades do mundo globalizado, incluindo ritual, teatro, música, dança, festas, narrativas, esportes, movimentos sociais e políticos e encenações da vida cotidiana. Porém, vários antropólogos apresentam dúvidas e questionamentos sobre o valor analítico do conceito de performance: mais de uma vez fui perguntada se este não é um “conceito guarda-chuva” para fenômenos que não necessariamente têm algo em comum. Meu objetivo nesta mesa redonda é propiciar uma oportunidade para reflexão sobre as diferentes abordagens e recortes conceituais no campo da antropologia da performance, ressaltando em particular o paradigma norte-americano que emergiu dos estudos de antropologia da fala e de folclore.

“Performance” surgiu como um campo importante no cenário internacional há várias décadas. No Brasil, os estudos de performance na antropologia cresceram significativamente a partir do início da década de 90, impulsionados em grande parte pelo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Mesa Redonda: Performance, Drama e Ritual – A Formação de um Campo e a Experiência Contemporânea, 31º Encontro Anual de ANPOCS, Caxambu, 2007.

<sup>2</sup> Do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: <[jean@cfh.ufsc.br](mailto:jean@cfh.ufsc.br)> ou [estherjeanbr@yahoo.com.br](mailto:estherjeanbr@yahoo.com.br). Pesquisadora do CNPq.

retorno de pesquisadores de seus estágios de formação no exterior. A atual importância do tema é verificada pelo número crescente de núcleos de pesquisa que tem a performance como foco. Incorporando aspectos das teorias e preocupações antropológicas, há núcleos consolidados na Universidade de Brasília (representado por João Gabriel Teixeira nesta mesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Estadual de Campinas, Universidade de São Paulo (representado por John Dawsey). Em outras universidades, diversos pesquisadores também vêm trabalhando no tema e consolidando seus grupos, como é o meu caso na Universidade Federal de Santa Catarina, onde fundamos, em 2005, o Grupo de Estudos em Oralidade e Performance – GESTO.

Outro indicador da relevância deste campo é o número de Grupos de Trabalho e apresentações de trabalhos sobre performance em congressos internacionais, nacionais e regionais nos últimos cinco anos. Por exemplo, na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia em 2006 foram realizados uma mesa redonda, cinco grupos de trabalho e cinco grupos de comunicações coordenadas dedicados ao tema “performance”. Os tópicos em debate incluíram música, dança, rito, festas, protestos políticos, funerais, motins, identidade, corporalidade e futebol (ABA 2006; veja também o número especial da Revista *Horizontes Antropológicos*, organizada por Elizabeth Lucas em 2005).

Em 2005, eu e a professora Luciana Hartmann (1999, 2005), do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Maria, com o apoio do CNPq, realizamos uma pesquisa investigando as diferentes abordagens teórico-metodológicas da noção de performance nos estudos antropológicos brasileiros. Entrevistamos vários pesquisadores e também acompanhamos os grupos de trabalho nos congressos e conferências durante 2005 e 2006. Descobrimos que há uma diversidade de conceitos que vêm sendo utilizados neste campo interdisciplinar e que os teóricos mais influentes no Brasil são Victor Turner (1982, 1988) e seu colaborador Richard Schechner (1988, 1993, 2002), mas W. Benjamin, John Austin (1975), Stanley Tambiah (1985, 1996) também são importantes. A pesquisa indicou ainda a necessidade de desenvolvimento de um diálogo mais teórico e analítico. Em geral, os grupos de trabalho nos congressos se caracterizam por apresentações de estudos de caso sem maiores discussões sobre os conceitos e os métodos de análise. Desta forma,

os usos dos termos “performativo” e “performance” têm conotações variadas, dependendo do pesquisador e de como os emprega. Neste sentido, percebemos que existem vários paradigmas de performance, e não um só.

A mesa redonda que organizei em 2006 para a Reunião Brasileira de Antropologia, “Do Ritual a Performance: Abordagens Teóricas num Campo Emergente no Brasil”, visou iniciar um debate sobre as perspectivas teórico-metodológicas que embasam as pesquisas brasileiras sobre performance. Nesta mesa o Prof. Dawsey, da USP, expôs seus interesses em Victor Turner e Walter Benjamin, a Profa. Maria Laura Viveiros de Castro Calvalcanti, da UFRJ, realizou uma discussão sobre Victor Turner e seu conceito de Drama Social e finalmente, a Profa. Mariza Peirano (2006), da UnB, conhecida por sua afinidade com a noção “performática” de Tambiah (Tambiah, 1985, 2001), desafiou a mesa, questionando se o conceito de performance se trata de fato de um conceito analiticamente útil ou só de um temática sem valor conceitual. Assim, em minha discussão sobre a abordagem de performance dos norte americanos, pretendo também responder em parte ao seu desafio. No final deste trabalho, pretendo resumir as características compartilhadas pelos vários paradigmas de performance que orientam as pesquisas atuais no Brasil. Creio que essas estabelecem seu valor conceitual, apesar da diversidade dos usos específicos do termo, e fornecem uma resposta para Peirano. Isto porque o próprio conceito de performance surgiu como consequência das preocupações teóricas atuais, indo além das teorias de antropologia simbólica clássica desenvolvidas nas décadas de 1960 e 1970, representadas principalmente pelos estudos e teorias do rito de V. Turner, C. Geertz e Lévi-Strauss.

Minhas pesquisas e publicações vêm dialogando com os mesmos teóricos que encontramos nos trabalhos dos brasileiros (Turner, Schechner, Austin, Tambiah, entre outros), porém, devido à minha formação nos Estados Unidos, e especificamente aos cursos com Richard Bauman, minha abordagem de performance é a menos conhecida no Brasil (1996b). A antropologia da performance norte-americana surgiu, em parte, da sociolinguística ou etnografia da fala e da preocupação com o papel da linguagem na vida social. Richard Bauman (1977; Bauman e Sherzer 1974), junto com Gary

Gossen (1974), Dell Hymes (1981), Dennis Tedlock (1972), Joel Sherzer (1982, 1990), Charles Briggs (1985, 1988) e outros, construíram este campo no final dos anos 70 do século passado, com enfoque na interação social em comunicação e no caráter *emergente* dos eventos performáticos. No seu primeiro livro, Bauman (1977) definiu performance como um evento comunicativo no qual a função poética é dominante, sendo que a experiência invocada pela performance é consequência dos mecanismos poéticos e estéticos produzidos através de vários meios comunicativos simultâneos. A realização de uma performance produz uma sensação de estranhamento em relação ao cotidiano, suscitando no espectador um olhar não-cotidiano e criando momentos nos quais a experiência está em relevo (Jakobson, 1960). Vários autores desta linha têm se preocupado não só com a análise dos aspectos estéticos (Franchetto, 1989, 1993), mas também com as estratégias de registro dos eventos orais em textos fixos que possam refletir fielmente a poética do evento vivo, incluindo aspectos não-verbais. (Fine, 1980; Tedlock, 1983a; Sammons e Sherzer, 2000; Sherzer e Woodbury, 1987; Langdon, 1999).

#### **Abordagem de Bauman e Briggs - A Primeira Fase:**

Uma diferença desta abordagem com a de Turner e de outros encontra-se no enfoque e nos objetivos da análise, e não na diferença dos princípios e conceitos centrais, se pensarmos que a análise geral da performance na antropologia trata da relação cultura-sociedade-performance. A perspectiva de Bauman surgiu inicialmente da preocupação em identificar os gêneros particulares de performance de um grupo e de *como* as pessoas os constroem e produzem. Assim, os trabalhos pioneiros desta abordagem partiram da identificação dos etno-gêneros de fala reconhecidos pelo grupo, das suas características e da descrição da construção do evento no seus contextos específicos (Bauman, 1977).

A performance é um evento situado num contexto particular, construído pelos participantes. Há papéis e maneiras de falar e agir. Performance é um ato de comunicação, mas como categoria distingue-se dos outros atos de fala principalmente por sua função expressiva ou “poética”, seguindo a definição de Jakobson (1960). A função poética ressalta o *modo* de expressar a mensagem e não o conteúdo da mensagem. Assim como Bakhtin (1968) dirige sua

atenção para *como* o romance é construído, os estudos desta abordagem dirigem seu interesse para *como* performances são construídas pelos participantes do evento, examinando o evento artístico (a situação de performance) e o ato artístico (a realização do evento por parte do(s) performer(s)).

Nem todos os atos de comunicação são performances no sentido “performático” apontado aqui, porém a fronteira entre performance e outros gêneros de eventos não é sempre clara. A performance, como já foi dito, distingue-se primariamente por uma situação onde a função poética é dominante no evento de comunicação. A experiência é um elemento importante invocado pela performance e é uma consequência dos mecanismos poéticos e estéticos, sendo expressados simultaneamente através de vários meios comunicativos (Sullivan, 1986). Os estudos de performance se concentram em eventos demarcados no tempo, tais como os tratados pela análise ritual e as performances culturais de M. Singer (1972). O que difere os estudos de performance dos estudos clássicos do rito não são os eventos a ser analisados mas uma alteração no direcionamento do olhar. Enquanto as análises mais clássicas do rito resultaram principalmente em interpretações do conteúdo semântico dos símbolos, as de performance chamam atenção para o temporário, o emergente, a poética, a negociação de expectativas e a sensação de estranhamento do cotidiano (Schieffelin, 1985).<sup>3</sup> “Causar estranhamento”, suscitando um olhar não-cotidiano, e produzir momentos onde a experiência está em relevo, são características dos atos performáticos segundo a abordagem de Bauman e Briggs (Bauman, 1977; Bauman and Briggs, 1990).

Especificamente, os elementos essenciais da performance, segundo Bauman (1977), são:

1. *Display* ou a exibição do comportamento frente aos outros.
2. A *responsabilidade de competência* assumida pelos atores. Estes devem exibir o talento e a técnica de falar e agir em maneiras apropriadas.
3. *Avaliação* por parte das participantes. Se foi uma boa performance ou não.

---

<sup>3</sup> Na sua discussão sobre a abordagem performativa do rito, Tambiah (1985: 128) faz a distinção entre a análise cultural e a análise formal, distinção que aproxima a minha entre o conteúdo semântica e a experiência estimulado pelos mecanismos poéticos da performance.

4. *Experiência* em relevo - as qualidades da experiência (expressiva, emotiva, sensorial) são o centro da experiência. Assim, o ato de expressão e os atores são percebidos com uma intensidade especial, onde as emoções e os prazeres suscitados pela performance são essenciais para a experiência.

5. *Keying* ou sinalização como metacomunicação - atos performáticos são momentos de ruptura do fluxo normal de comunicação, são momentos que são sinalizados (ou *keyed*) para estabelecer o evento da performance, para chamar atenção dos participantes à performance. A sinalização focaliza o evento e indica como interpretar a mensagem a ser comunicada (Bateson, 1998). Servindo como metalinguagem, indica como interpretar a mensagem e estabelece um conjunto de expectativas sobre os atos a seguir. Os ritos têm invocações que marcam o início da ação. No cotidiano há momentos de performance também, que comunicam para o grupo (ou o espectador) o que esperar no momento performático. Talvez os mais conhecidos entre nós, apesar de não serem sempre conscientes, sejam os eventos onde se contam piadas. Uma pessoa, assumindo a responsabilidade de divertir os outros, introduz no fluxo do discurso uma fórmula verbal que chama a atenção de todos para escutar - “Você sabe a do Português.....” - “Você sabe aquela aconteceu quando o português.....”. Escutando a abertura da piada, os participantes do grupo param seu discurso normal e entram na interação do evento da piada - o contador ocupa o centro da atenção, os outros escutam, esperando ser agradados com uma surpresa engraçada no final. Em culturas tribais, onde a literatura oral ainda é um recurso de divertimento e prazer, há aberturas verbais específicas que preparam as pessoas presentes para a narração performática. Na nossa tradição, “Era uma vez ...” é tal abertura que indica para os participantes como interpretar e prosseguir com a interação. Os índios Siona, com os quais venho trabalhando desde a década de 70, abrem suas performances orais de mitos e narrativas com um tempo verbal especial e utilizam vários elementos de paralelismo no texto, não característicos da fala cotidiana.

O local ou o período do dia ou do ano podem ser outros sinais do evento performático, determinando o que é esperado e permitido. No teatro, o palco é um dos mecanismos que estabelece as expectativas. Piadas podem ser contados em várias situações,

mas há lugares e momentos onde é totalmente impensável contar-las. O momento da performance de narrativas dos índios Siona é de manhã, quando toda a família está em casa?, sentada, fazendo cestas. À noite, a casa de *Yagé* estabelece a performance do ritual xamânico.

Os atos performáticos são estruturados de várias maneiras e podemos mencionar algumas delas. Uma vez sinalizado, há regras básicas para o tipo de performance que está sendo realizado - a seqüência da ação (na piada, por exemplo, só se ri no final), modos de falar, movimentar, e interagir que são específicas à situação. A participação também é socialmente construída - os papéis que os participantes assumem (ator, platéia, etc.) e quem tem direito de ocupar um papel específico. Em algumas sociedades, as narrativas têm donos e só eles podem contá-las (Malinowski, 1978). Em outras, o papel de narrador é formal, nem todos podem assumir a autoridade de contar. Em outros contextos ainda, os atores são figuras marginais ou liminais, tais como os palhaços nas cortes da Europa.

Segundo o conceito elaborado acima, performance é uma categoria universal, no sentido de que corresponde a eventos que acontecem em todas as culturas e que todas as sociedades humanas têm vários gêneros de performance, especificamente marcados pela função poética, e que exibem as características descritas acima. As formas dos atos performáticos são variadas e diversas, construídas em contextos culturais específicos. A análise performática procura descobrir quais são os gêneros reconhecidos e realizados pelos membros de um grupo, como estes gêneros são estruturados nos atos performáticos e como seus significados emergem da interação. As metodologias e outros assuntos particulares à esta abordagem não serão explorados aqui.

**A segunda fase:** Ao final da década de 1970, antropologia entrou numa fase de reflexão crítica, em que seus conceitos, pressupostos, métodos e textos foram questionados. “Cultura”, nosso conceito chave, deu lugar a uma visão do mundo como fragmentado e a uma abordagem crítica. As transformações nos campos dos estudos literários, estudos feministas, história social, e outros, impactaram a antropologia, e esta começou a lidar com um mundo pós-moderno e pós-colonial, o qual é caracterizado pelo imprevisto ou indeterminado, a heterogeneidade, a polifonia de vozes, as relações de poder, a subjetividade e a transformação contínua. Estas características não

são limitadas as sociedades complexas, mas fazem parte de toda a interação social, inclusive nas sociedades ágrafas. Em 1984, Sherry Ortner publicou um artigo importante, avaliando as novas direções analíticas na antropologia desde os anos 60, época em que os estudos de ritos foram orientados pela antropologia simbólica representada por C. Geertz e V. Turner. Neste artigo, Ortner, ex-aluna de Geertz, aponta para dois conjuntos de termos analíticos e inter-relacionados que representam as orientações destas novas tendências. O primeiro trata da prática: práxis, ação, interação, atividade, experiência e *performance*, e se relaciona com um outro conjunto que trata daquele que realiza estas ações: ator, agência, pessoa, self, indivíduo e subjetividade (Ortner, 1994: 388). No campo de lingüística antropológica, ela reconhece que a abordagem de performance de Bauman e de seus ou pares foi resultado da rejeição da noção de estrutura e modelos estáticos em favor do estudo da linguagem em ação.

Na primeira fase, as publicações desta orientação teórica se concentraram em grande parte nos problemas metodológicos e analíticos relacionados a como captar, na interação, a complexidade do caráter poético, multisensorial, emergente e intenso do evento que conduz a experiência vivida. Na segunda fase, a relação da performance com a reflexão crítica, característica dos movimentos teóricos atuais na antropologia, é claramente delineada numa resenha da produção sobre o tema publicada em 1990 (Bauman e Briggs, 1990). O campo de performance, na atualidade, visa examinar criticamente os eventos performáticos como arenas reflexivas de recursos estilísticos heterogêneos, significados contextualizados e ideologias conflitantes (Bauman e Briggs 1990). Somando-se ao interesse na oralidade, eventos tais como festas, manifestações políticas, encontros interétnicos, espetáculos, festivais e outras performances culturais são examinados como eventos que surgem em momentos de crises, renovação e mudança frente um mundo pós-colonial e globalizado (Manheim e Tedlock, 1996; Oakdale, 2005). Caracterizados por sua dialogicidade, contextualização e intertextualidade, esses eventos são analisados como expressões e negociações de poder, enquanto questões como a reinvenção das tradições aparecem relacionadas à subjetividade, contexto, práxis e globalização (Bauman e Briggs 1990; Briggs e Bauman 1992; Briggs 1996).

Bauman e Briggs argumentam que os estudos de poética e de performance fazem parte da perspectiva crítica da antropologia contemporânea. Para eles, os conceitos de dialogicidade e gêneros de fala de Bakhtin, relativos às práticas discursivas características de grupos particulares, remetem aos aspectos políticos das performances. Por exemplo, estudos das performances de história oral dos índios de Brasil têm demonstrado que a etnohistória é composta de eventos críticos que revelam formas históricas de consciência e estratégias performáticas utilizadas pelos atores entre si para representar emoções e formular motivações (Albert e Ramos, 2002; Basso, 1986; Oakdale, 2004, 2005; Langdon, 2007). Estes eventos críticos são “centrados na fala”, no sentido de que são apresentados como diálogos, valendo-se da fala direta como um mecanismo para ressaltar as interações comunicativas e revelar pontos de vista diferentes, agência emocional, motivações e fins específicos, além de mudanças na subjetividade (Basso, 1986; Langdon, 2007).

Outro exemplo da contribuição atual da abordagem crítica de performance na etnologia indígena trata dos estudos preocupados com a relação entre povos indígenas e a sociedade envolvente e com as políticas de etnicidade (Ramos, 1988, Briggs, 1996, T. Turner, 1993), situações nas quais a inserção da linguagem e da performance em novos contextos de diálogo promete ser bastante fecunda (Kroskrity, 2000; Mannheim e Tedlock, 1996; Godenzzi, 2006). Segundo a perspectiva mais ampla de performance, ou seja, de eventos que podem ser caracterizados como performances culturais (Singer, 1972) ou eventos críticos (Tambiah, 1996), estes estudos se enquadram no interesse atual da política de cultura, campo interdisciplinar entre antropologia, estudos culturais, comunicação e outros (Sommer, 2006; Mannheim e Tedlock, 1996). As teses e publicações de análises de festas, festivais, espetáculos, movimentos políticos, etc., como expressões de identidade, valores, resistência e reinvenção de tradições, têm sido tão numerosas nos últimos anos que qualquer bibliografia do assunto seria imensa. Junto a L. Hartmann, estamos realizando uma compilação destas produções bibliográficas nos últimos cinco anos como parte de nossa pesquisa teórica sobre o conceito de performance no Brasil.

Na etnologia indígena, o enfoque performativo examina a identidade indígena de modo intenso, exposto e ostentado

publicamente através das artes performáticas e dos eventos rituais e políticos, com a utilização de multimídias e freqüentemente envolvendo a mídia para sua divulgação. Exemplos importantes têm sido o uso de novas tecnologias para a recriação de tradições e expressão da identidade para a sociedade mais ampla (veja T. Turner, 1994, 2002; Conklin, 1997; Gallois e Carelli, 1998). Outros têm focado o uso do rito e sua relação com movimentos de afirmação étnica e etnogênese em situações conflituosas (veja Andrade, 2002; Barbosa, 2003; Grünewald, 2005; Sztutman, 1999).

Vários trabalhos na etnologia indígena vêm analisando a identidade e representação da cultura em situações de contato através de uma perspectiva política (Gallois, 2002; Graham, 1993, 2002, 2005; Oakdale, 2004; Szeminski, 1997). Outros têm enfatizado o surgimento de novas formas de fala como resultado de novas situações criadas pela interação com o Estado. Dentre estes, podemos citar como exemplos, Coor (2004), Morin (1992) e Hendricks (1991), que tratam dos novos contextos e discursos das organizações indígenas, e Heron (1998), que analisa a mediação do Estado através de seus discursos em encontros locais. As preocupações atuais com a educação diferenciada têm estimulado vários trabalhos que examinam o papel do professor indígena e da linguagem (Tinoco, 2000; Hirsch, 2003), da relação entre oralidade e escrita (Ferreira, 1992; Gnerre, 2000) e da história oral (Macedo e Farage, 2001). Porém, o diálogo de contato e os novos contextos criados pelas políticas públicas e movimentos interculturais (tais como o movimento ecológico) ainda são temas emergentes a serem aprofundados (ver Ferreira, 2004, para um exemplo do uso de gêneros de fala em intervenção de saúde).

### **Considerações finais:**

Neste trabalho, tentei fazer um levantamento das preocupações analíticas do paradigma de performance que surgiram dos campos da sociolinguística e do folclore. Na primeira fase, os esforços destes estudos enfatizaram a produção dos eventos de performance, a emergência do sentido através da estética e dos meios multimidiáticos, e a experiência em relevo através da participação expectativa. Não abandonando estas preocupações, Bauman e Briggs fazem um movimento similar ao de V. Turner no sentido de

se voltarem para os aspectos emergentes dos eventos de performance no mundo heterogêneo e globalizado, procurando examinar particularmente a emergência da cultura em eventos que chamamos “multiculturais”. Assim, seguindo um movimento mais geral na antropologia, a multivocalidade, a dialogicidade e as negociações de atores com diversos interesses e poderes se tornam o centro da análise, com menor atenção sobre a colaboração participativa que caracterizou estes estudos nas décadas de 1960 e 1970.<sup>4</sup> Isto resultou num deslocamento da preocupação com padrões normativos e conteúdos simbólicos para a emergência dos significados na interação social, inclusive em situações específicas que envolvem atores e interesses bastante heterogêneos. As análises atuais, por sua vez, vislumbram estruturas sistêmicas maiores nas quais as performances têm um papel constituinte (Bauman e Briggs, 1990:80; Bauman, 2000). Nesta perspectiva, as negociações do poder se realizam através da poética e da política do discurso.

Um segundo aspecto da perspectiva crítica da linguagem e da vida social trata da relação entre a linguagem e as representações dos outros (os “nativos”). Enquanto esta relação pode ser analisada no discurso das comunidades pesquisadas, também deve ser a base para uma reflexão crítica sobre a poética e a política da escrita etnográfica (Bauman e Briggs, 2003). Da mesma forma, os estudos da performance fazem uma contribuição para o desenvolvimento da antropologia dialógica através das preocupações sobre como captar em textos fixos os mecanismos poéticos das performances orais (Langdon, 1999) e do desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre o papel do antropólogo nos eventos performáticos (Tedlock, 1983a, 1986). O paradigma da performance reconhece que o antropólogo em campo está imerso na política da interação comunicativa e, assim, demanda uma constante reflexão sobre como nos posicionamos, seja na relação com nossos colaboradores, na representação de suas falas e textos, e na escrita geral dos textos etnográficos (Evers e Toelken, 2001; McDowell, 2000; Langdon, 2006; 2007; Pereira, 2001).

---

<sup>4</sup> Goffman (1959, na sua discussão clássico do conceito de performance, ignora a questão de conflito e sua análise presume que toda as performances sociais presume colaboração e consenso das regras de interação.

Finalmente, para contribuir para o debate desta mesa redonda e responder ao desafio feito em 2006 por M. Peirano, gostaria de apontar cinco qualidades inter-relacionadas, que para mim, são compartilhadas pelas abordagens de performance, e que, de fato, formam um eixo dos diversos usos do termo de performance.

*Experiência em relevo:* Performance se trata de experiência ressaltada, pública, momentânea e espontânea. Em seu livro clássico, Bauman define a experiência em relevo como um evento artístico que envolve o ator (*performer*), a forma artística, a platéia e o contexto para criar uma experiência emergente (1977: 44). Turner e Schechner (1992) a definem como um comportamento intensificado, que é público e que inclui as artes performáticas, a política, a medicina e a religião. Para eles, a performance é um tipo de evento situado, em que o foco está na expressão estética e não no sentido literal.

*Participação Expectativa:* Esta qualidade trata da participação plena de todos presentes no evento para criar a experiência. Não trata puramente de ação normativa, nem de uma leitura semântica dos símbolos, mas de uma interação na qual o significado emerge do contexto (Schieffelin, 1985). O contexto se torna essencial para entender o sentido do evento e as interações entre os participantes produz uma força retórica (Bloch, 1975; Csordas, 1983; Laderman e Roseman, 1996) que transforma a experiência dos participantes, ainda que esta seja apenas momentânea.

*Experiência Multisensorial:* Indo além dos limites da análise semântica do rito, a experiência de performance se localiza na sinestesia, ou seja, na experiência simultânea dos vários receptores sensoriais recebendo os ritmos, as luzes, os cheiros, a música, os tambores e o movimento corporal. A recepção simultânea de vários recursos cria uma experiência unificada (Basso, 1985; Schieffelin, 1985; Sullivan, 1986), numa experiência emotiva, expressiva e sensorial.

*Engajamento corporal, sensorial e emocional:* Como é característico na antropológica contemporânea, tanto quanto em outros campos intelectuais atuais, o paradigma do corpo e “embodiment” (corporificação) (Csordas, 1990) também faz parte das análises de performance, como demonstram particularmente bem as pesquisas sobre a eficácia terapêutica da performance, uma discussão que visa entender a possibilidade de transformação fenomenológica no nível mais profundo do corpo, rejeitando uma divisão cartesiana de experiência, que separa o racional do emocional e do corporal.

*Significado emergente:* A noção de cultura é pensada como um processo social contínuo, em que “novos significados e valores, novas práticas, novos significantes e novas experiências estão sendo continuamente criados” (Williams, 1973: 11, apud Bauman, 1977: 48). O modo de expressar se localiza no centro de performance, não só no significado semântico ou referencial, como é o caso das análises da antropologia simbólica clássica. Como consequência, o conceito de performance implica na experiência imediata, emergente e estética.

Estas cinco qualidades são evidentes nos trabalhos de performance que tenho incluído em minha discussão de Bauman e da abordagem norte-americana, e sugiro, para fins de debate, que estas sirvam como o ponto de partida para pensar a performance como um paradigma conceitual, apesar da diversidade de suas abordagens. Performance surge no final do século vinte, uma época marcada por uma reviravolta na antropologia influenciada pelo condição crítica da teoria contemporânea, pela condição pós-moderna e pelo questionamento do status da cultura como conceito-chave na antropologia. Bauman e seus colegas, tanto quanto as outras abordagens performáticas, permitem à antropologia entrar em diálogo com outras disciplinas e com nossos colaboradores de pesquisa de campo, de uma maneira que ressalta as negociações, a criatividade e a dinamicidade da interação humana e atende as questões contemporâneas que tratam da experiência de estar no mundo.

## BIBLIOGRAFIA

ABA 2006. *25ª Reunião Brasileira de Antropologia: Programação*. Goiânia, Associação Brasileira de Antropologia.

Albert, Bruce e Alcida Rita Ramos, orgs. 2002. *Pacificando o Branco. Cosmologias do contato no Norte-Amazônico*. São Paulo, Editora UNESP, Imprensa Oficial do Estado

Andrade, Ugo Maia 2002. Um grande atrator: toré e articulação (inter)étnica entre os Tumbalalá do sertão baiano. *Cardernos do Campo* 10: 79-92.

Austin, John.L. 1975 (2<sup>nd</sup> ed.) *How to do Things with Words*. Ed. J.O. Urmson and Marina Sbisa. Cambridge, Harvard University Press.

Bakhtin, M. 1968

Bakhtin, M. 1980. *The Problem of Speech Genres*. In *Speech Genres and Other Late Essays*. (C. Emerson and M. Holquist. eds.) Austin, University of Austin Press. Pp. 60-102.

Barbosa, Wallace de Deus. 2003. *Pedra do encanto: dilemas culturais e disputas políticas entre os Kambiwá e os Pipiã*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria/LACED.

Basso, Ellen. 1985. *A Musical View of the Universe: Kalapalo Narratives and Ritual Performance*. Philadelphia: University of Pennsylvania.

Basso, Ellen 1986. Quoted dialogue in Kalapalo narrative discourse. In *Native South American Discourse*. (J. Sherzer and G. Urban, orgs). New York, Mouton de Gruyter. Pp. 119-168.

Bateson, Gregory 1998 (1972). Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In *Sociolinguística Interacional: Antropologia, Lingüística e Sociologia em Análise do Discurso*. (Ribeiro, Branca Telles e Pedro M. “Garcez, org.). Porto Alegre, Editora Age. Pp. 57-69.

Bauman, R. 1977. *Verbal Art as Performance*. Rowley, Mass, Newbury House Publishers.

Bauman, R. 2000. Language, identity, performance. In *Art and the expression of complex identities: Imagining and contesting ethnicity in performance*, Special Issue: Pragmatics Vol. 10, No. 1.

- Bauman, R. e C.L. Briggs, 1990. Poetics and Performance as Critical Perspectives on Language and Social Life. In *Annual Review of Anthropology* V. 19, Bernard J. Siegel, ed. Palo Alto, Annual Reviews, Inc.
- Bauman, R. e C. L. Briggs 2003. *Voices of Modernity: Language Ideologies and the Politics of Inequality*. New York, Cambridge Univerisity Press.
- Bauman, R. e J. Sherzer 1974. *Explorations in the Ethnography of Speaking*. New York, Cambridge University Press
- Bloch, Maurice (ed.) 1975. *Political Language and Oratory in Traditional Society*. New York: Academic Press.
- Briggs, Charles L. 1985. The Pragmatics of Proverb Performances in New Mexican Spanish. *American Anthropologist* 87:793-810.
- Briggs, Charles 1988. *Competence in Performance*. University of Pennsylvania Press
- Briggs, Charles 1996. The Politics of Discursive Authority in Research on the “Invention of Tradition” *Cultural Anthropology* 11(4): 435-469.
- Briggs, Charles L. and Richard Bauman, 1992. Genre, Intertextuality and social Power. *Journal of Linguistic Anthropology* 2(2): 131-172.
- Calvancanti, Maria Laura Viveiros de Castro, 1999. *Rito e o Tempo: Ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Conklin, Beth 1997. Body Paint, feathers, and videos: Aesthetics and Authenticity in Amazonian Activism. *American Ethnologist* 24(4):711-737.
- Coor, Rachel 2004. To Throw the Blessing: Poetics, Prayer, and Performance in the Andes. *Journal of Latin American Anthropology* 9(2):382-408.
- Csordas, T. 1983. The Rhetoric of Transformation in Ritual Healing. *Culture, Medicine and Psychiatry* 7:333-375
- Csordas, Thomas J. 1990. Embodiment as a Paradigm for Anthropology. *Ethos* 18(1):5-47.

- Dawsey, John C. 2000. Nossa Senhora Aparecida e a Mulher Lobisomem: Benjamin, Brecht e o Teatro Dramático na Antropologia. *Ilha: Revista de Antropologia* V. 2, N. 1, p. 85-103.
- Dawsey, John C. 2005. Victor Turner e Antropologia da experiência. *Cadernos de Campo* 13:163-176.
- Dawsey, John C. 1997. Caíndo na Cana com Marilyn Monroe: Tempo, Espaço, e Bóias-Frias. *Revista de Antropologia* V. 40, N. 1.
- Evers, Larry e Barre Toelken (eds.) 2001. *Native American Oral Traditions: Collaboration and Interpretation*. Logan, Utah State University Press.
- Ferreira, Mariana Leal 1992. Escrita e Oralidade no Parque Indígena do Xingu: inserção na vida social e a percepção dos índios. *Revista de Antropologia* 35: 91-112.
- Fine, Elizabeth 1980. Aesthetic Patterning of Verbal art and the Performance-centered Text. *Sociolinguistic Working Paper, No. 74*. September 1980, Austin, Texas, Southwest Educational Development Laboratory
- Franchetto, Bruna 1986. *Falar kuikúro: estudo etnolinguístico de um grupo karíbe do Alto Xingu*. Tese de doutorado, Museu Nacional.
- Franchetto, Bruna 1993. A Celebração da história nos discursos cerimoniais Kuikúro (Alto Xingu). In *Amazônia: Etnologia e História Indígena*. (Viveiros de Castro, E. and M. C. da Cunha, orgs). São Paulo: NHII/USP/FAPESP. Pp. 97-116.
- Gallois, Dominique 2002. “Nossas Falas duras” Discurso Político e auto-representação Waiãpi. In *Pacificando o Branco*. (B. Albert e A.R.Ramos, orgs.). São Paulo, Editora Unesp.
- Gallois, Dominique T. e Vincent Carelli. 1998. “Índios Eletrônicos”: A rede Indígena de Comunicação”. *Sexta Feira* 2, ano 2. Pp. 26-31.
- Geertz, Clifford 1998. Mistura de Gêneros: A Reconfiguração do Pensamento Social. In *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, Pp. 33-56.
- Gnerre, Maurizio 2000. From Headhunters to Writers: A Shuar Myth and an Oration. In *Translating Native Latin American Verbal*

*Art: Ethnopoetics and Ethnography of Speaking.* (Sammons, Kay and Joel Sherzer, orgs.) Smithsonian Institution Press. Pp. 197-210.

Goffman, E. 1959. *The Presentation of Self in Everyday Life.* New York, Anchor Books.

Godenzzi, Juan Carlos 2006. The Discourses of Diversity: Language, Ethnicity and Interculturality in Latin América. In *Cultural Agency in the Américas.* Durham, Duke University Press. Pp. 146-166.

Gossen, Gary H. 1974. *Chamulas in the World of the Sun: Time and Space in a Maya oral Tradition.* Cambridge, Mass., Harvard University Press.

Graham, Laura R. 1993. *A Public Sphere in Amazonia? The Depersonalized Collaborative Construction of Discourse in Xavante.* *American Ethnologist* 20(4):717-741.

Graham, Laura R. 2002. How should an Indian Speak? Amazonian Indians and the Symbolic Politics of Language in the Global Public Sphere. In *Indigenous Movements, Self-Representation and the State in Latin America.* Kay Warren and Jean Jackson (eds.). Austin, University of Texas Press.

Graham, Laura R. 2005. Image and instrumentality in a Xavante politics of existential recognition: The public outreach work of Eténhiritipa Pimentel Barbosa. *American Ethnologist* Vol. 32, No. 4: 622-641.

Grünewald, R. de A. (org.) 2005. *Toré: regime encantado do índio do Nordeste.* Recife: Editora Massangana - FUNDAJ.

Hartmann, Luciana 1999. Oralidade, Corpo e Memória entre Contadores e Contadoras de Causos Gaúchos. In *Horizontes Antropológicos.* Ano 5, No. 12. Pp. 267-278. Porto Alegre, UFRGS.

Hartmann, Luciana 2005. Performance e Experiência nas Narrativas Oraais da Fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. . In *Horizontes Antropológicos.* Ano 11, No. 24. Pp. 125-154. Porto Alegre, UFRGS

Hendricks, J.W. 1991. Symbolic Counter Hegemony among the Ecuadorian Shuar. In Urban, Greg and J. Sherzer (eds.) *Nation*

*States and Indians in Latin America*. Austin, University of Texas Press. Pp. 53-72.

Herron, J. 1998. Estado corporizado: Notas para una etnografía discursiva del Estado. In *Modernidad, Identidad y Desarrollo* (María Lucía Sotomayor, org.) Bogotá, Instituto Colombiano de Antropología/Colciencias.

Hirsch, S. 2003. Bilingualism, Pan-Indianism and Politics in Northern Argentina. The Guaraní's Struggle for Identity and Recognition. *Journal of Latin American Anthropology* 8(3):84-103.

Hymes, D. 1981. Discovering Oral Performance and Measured Verse in American Indian Narrative. In *"In Vain I Tried to Tell You"* Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

Jakobson, Roman 1960. Closing Statement: Linguistics and Poetics. In *Style in Language*. Cambridge, Mass. M.I.T. Press

Kroskrity, P.V. (ed.) 2000. *Regimes of Language: Ideologies, Politics, and Identities*. Santa Fe, School of American Research Press.

Laderman, Carol and Marina Roseman 1996 *The Performance of Healing*. Routledge, New York.

Langdon, E. J. 1996. Performance e Preocupações Pós-Modernas em Antropologia. In *Performáticos, Performance e Sociedade* (João Gabriel L.C. Teixeira org). Brasília, Editora Universidade de Brasília. Pp. 23-29.

Langdon, E. J. 1997. Textual Interpretation in the Amazon. *American Anthropologist* 39(3): 10-11.

Langdon, E. J. 1999. A Fixação da Narrativa: do Mito para a Poética da Literatura Oral. *Horizontes Antropológicos*. Ano 5, N. 12.

Langdon, E. J. 2007. Dialogicality, Conflict and Memory in Siona Ethnohistory. In *Studies in Oral and Written Narratives and Cultural Identity: Interdisciplinary Approaches*. . (Organizadores Irene Blayer and Francisco C. Fagundes). New York, Peter Lang. pp. 98-116

Langdon, E.J. 2006. "E. Jean Langdon". *Etnográfica: Revista do Centro de Estudos de Antropologia Social*. Número especial. Pp. 33-34

Lucas, Maria Elizabeth (org.) 2005. *Antropologia e Performance*. Número especial. *Horizontes Antropológicos*. Ano 11, No. 24.

Macedo, Ana Vera Lopes da Silva e Nádia Farage 2001. Construção de histórias, ensino de história: algumas propostas. In *Práticas Pedagógicas na Escola Indígena*. São Paulo, FAPESP.

Malinowski, B. (1935) 1978. Coral Gardens and Their Magic..An Ethnographic Theory of Language and some Practical corollaries. In *Coral Gardens and Their Magic*. Vol. II. Pp. 4-78. New York, Dover Publications, Inc.

Mannheim, B. e D. Tedlock. 1996. *The Dialogic Emergence of Culture*. Urbana, University of Illinois Press.

McDowell, J.H. 2000. Collaborative Ethnopoetics: A view from the Sibundoy Valley. In *Translating Native Latin American Verbal Art: Ethnopoetics and Ethnography of Speaking*. (Sammons, Kay and Joel Sherzer, orgs.) Smithsonian Institution Press. Pp. 211-232.

Morin, F. 1992. Les premiers congrès Shipibo-Conibo dans le context politique et religieux des années 60-70. *Journal de la Société des Américanistes*. LXXVIII-II. 95-112.

Oakdale, S. 2004. The culture-conscious Brazilian Indian: Representing and reworking Indianness in Kayabi political discourse. *American Ethnologist* Vol. 31, No. 1: 60-75.

Oakdale, Suzanne. 2005. *I Forsee My Life: The Ritual Performance of Autobiography in an Amazonian Community*. Lincoln, University of Nebraska Press.

Ortner, S.B. 1994. Theory in anthropology since the sixties. In *Culture, Power, History: A Reader in Contemporary Social Theory* (Dirks Nicholas B., Geoff Eley, and Sherry B. Ortner, orgs.). Princeton, University of Princeton Press. Pp. 372-411

Peirano, Mariza (org.) 2001. *O Dito e o Feito. Ensaios de Antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro. Relume Dumará.

Peirano, Mariza. 2006. Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. *Série Antropologia*. UnB, Brasília

- Ramos, Alcida 1988. Indian voices: contact expressed and experienced. In *Rethinking History and Myth. Indigenous South American Perspectives on the Past*. Jonathan Hill, ed. Urbana, University of Illinois Press.
- Schechner, R. 1985. *Between Theater and Anthropology*. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press.
- Schechner, R. 1992. *Victor Turner's Last Adventure*. In Schechner, R. 1988. *Performance Theory*. New York and London, Routledge.
- Schechner, R. e W. Appel (eds.) 1997. *By Means of Performance*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Schechner, R. 1993. *The Future of Ritual*. London and New York: Routledge.
- Schechner, R. 2002. *Performance Studies: An Introduction*. London and New York: Routledge.
- Schieffelin, Ed. 1985. Performance and the Cultural Construction of Reality. *American Ethnologist*. 12(4): 707-24.
- Seeger, A., R. da Matta, e E. Viveiros de Castro 1987. A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas Brasileiras. In *Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil*. Ed. João Pacheco de Oliveira Filho. Rio de Janeiro: UFRJ/Marco Zero. Pp. 11-30.
- Sherzer, J. 1982. Poetic Structuring of Kuna Discourse: the line. *Language in Society* 11:371-390.
- Sherzer, J. 1990. *Verbal Art in San Blas: Kuna Culture through its Discourse*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Sherzer, J. e A.C. 1987. *Woodbury Native American Discourse: Poetics and Rhetoric*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Singer, M. 1972. *When a Great Tradition Modernizes*. Chicago, University of Chicago Press.
- Sullivan, Lawrence E. 1986 Sound and Senses: Toward a Hermeneutics of Performance. *History of Religions* 26(1):1-33. (Chicago, University of Chicago).

Szeminski, J. 1997. Formas de diálogo intercultural. In *Identidades étnicas*. (Manuel Gutiérrez Estévez, compilador). Madrid, Casa de America. Pp. 119-132.

Sztutman, Renato 1999. De festas, viagens e xamãs: reflexões primeiras sobre os encontros entre Waiãpi setentrionais meridionais na fronteira Amapá-Guiana Francesa. *Cadernos de Campo* 8. Pp. 83-106.

Tambiah, S. 1985. *Culture, Thought and Social Action*. Cambridge, Harvard University Press.

Tambiah, Stanley J. 1996. *Leveling Crowds: Ethnonationalist conflicts and collective violence in South Asia*. Berkeley, University of California Press

Tedlock, D. 1972. On the Translation of Style in Oral Narrative. In *Toward New Perspectives in Folklore*. Americo Paredes and Richard Bauman (eds.) Austin, University of Texas Press.

Tedlock, D. 1983a. *The Spoken Word and the Work of Interpretation*. Philadelphia, University of Pennsylvania.

Tedlock, D. 1983b. Ethnography as Interaction: The Storyteller, the Audience, the Fieldworker, and the Machine. In *The Spoken Word and the Work of Interpretation* Philadelphia, University of Pennsylvania Press. Pp. 285-301.

Tedlock, D. 1986. A Tradição Analógica e o Surgimento de uma Antropologia Dialógica. *Anuário Antropológico* 85. Rio, Edições Tempo Brasileiro.

Teixeira, J.G.L.C. 1996. O Campo da Performance no Brasil. In *Performáticos, performance e Sociedade* (João Gabriel L.C. Teixeira org). Brasília, Editora UnB.

Teixeira, J.G.L.C. 1998. Análise Dramatúrgica e Teoria Sociológica. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 37.

Tinoco, S.L.da S.M. 2000. Aprendendo novas formas de representação política: as interrelações entre cursos de formação de professores Waiãpi e o Conselho APINA. *Cadernos de Campo* 10:87-96.

Turner, V. 1982. *From Ritual to Theatre*. New York, PAJ Publications.

Turner, V. 1988. *The Anthropology of Performance*. New York, P. A. J. Publications.

Turner, V. e E. Bruner (orgs.) 1986. *The Anthropology of Experience*. Chicago: University of Illinois Press.

Turner, T. 2002. Representation, Polyphony, and the Construction of Power in a Kayapó Video. In *Indigenous Movements, Self-Representation and the State in Latin America*. Kay Warren and Jean Jackson (eds.). Austin, University of Texas Press.

Turner, Terence 1993. De Cosmologia a História: Resistência, Adaptação e Consciência Social entre os Kayapó. In *Amazônia: Etnologia e História Indígena* (Eduardo Viveiros de Castro e Manuela Carneiro da Cunha, orgs.). São Paulo, NHII/USP/FAPESP

Turner, T. 1994. Imagens desafiantes: a apropriação Kaiapó do vídeo. *Revista de Antropologia* 36: 81-122.

**Títulos publicados**

1. MENEZES BASTOS, Rafael José de. A Origem do Samba como Invenção do Brasil: Sobre o "Feitio de Oracão " de Vadico e Noel Rosa (Por que as Canções Têm Musica?), 1995.
2. MENEZES BASTOS, Rafael José de & MENEZES BASTOS, Hermenegildo José de. A Festa da Jaguatirica: Primeiro e Sétimo Cantos - Introdução, Transcrições, Traduções e Comentários, 1995.
3. WERNER, Dennis. Policiais Militares Frente aos Meninos de Rua, 1995.
4. WERNER, Dennis. A Ecologia Cultural de Julian Steward e seus desdobramentos, 1995.
5. GROSSI, Miriam Pillar. Mapeamento de Grupos e Instituições de Mulheres/de Gênero/Feministas no Brasil, 1995.
6. GROSSI, Miriam Pillar. Gênero, Violência e Sofrimento - Coletânea, Segunda Edição 1995.
7. RIAL, Carmen Sílvia. Os Charmes dos Fast-Foods e a Globalização Cultural, 1995.
8. RIAL, Carmen Sílvia. Japonês Está para TV Assim como Mulato para Cerveja: Imagens da Publicidade no Brasil, 1995.
9. LAGROU, Elsje Maria. Compulsão Visual: Desenhos e Imagens nas Culturas da Amazônia Ocidental, 1995.
10. SANTOS, Sílvia Coelho dos. Lideranças Indígenas e Indigenismo Oficial no Sul do Brasil, 1996.
11. LANGDON, Esther Jean. Performance e Preocupações Pós-Modernas em Antropologia 1996.
12. LANGDON, Esther Jean. A Doença como Experiência: A Construção da Doença e seu Desafio para a Prática Médica, 1996.
13. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Antropologia como Crítica Cultural e como Crítica a Esta: Dois Momentos Extremos de Exercício da Ética Antropológica (Entre Índios e Ilhéus), 1996.
14. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Musicalidade e Ambientalismo: Ensaio sobre o Encontro Raoni-Sting, 1996.
15. WERNER, Dennis. Laços Sociais e Bem Estar entre Prostitutas Femininas e Travestis em Florianópolis, 1996.
16. WERNER, Dennis. Ausência de Figuras Paternas e Delinquência, 1996.
17. RIAL, Carmen Sílvia. Rumores sobre Alimentos: O Caso dos Fast-Foods, 1996.
18. SÁEZ, Oscar Calavia. Historiadores Selvagens: Algumas Reflexões sobre História e Etnologia, 1996.
19. RIFIOTIS, Theophilos. Nos campos da Violência: Diferença e Positividade, 1997.
20. HAVERROTH, Moacir. Etnobotânica: Uma Revisão Teórica. 1997.
21. PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo. Música Instrumental Brasileira e Fricção de Musicalidades, 1997
22. BARCELOS NETO, Aristóteles. De Etnografias e Coleções Museológicas. Hipóteses sobre o Grafismo Xinguano, 1997
23. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. O Milenarismo Mucker Revisitado, 1998
24. GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade, 1998m
25. SÁEZ, Oscar Calavia. Campo Religioso e Grupos Indígenas no Brasil, 1998
26. GROSSI, Miriam Pillar. Direitos Humanos, Feminismo e Lutas contra a Impunidade. 1998
27. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Ritual, História e Política no Alto-Xingu: Observação a partir dos Kamayurá e da Festa da Jaguatirica (Yawari), 1998
28. GROSSI, Miriam Pillar. Feministas Históricas e Novas Feministas no Brasil, 1998.
29. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Músicas Latino-Americanas, Hoje: Musicalidade e Novas Fronteiras, 1998.
30. RIFIOTIS, Theophilos. Violência e Cultura no Projeto de René Girard, 1998.
31. HELM, Cecília Maria Vieira. Os Indígenas da Bacia do Rio Tibagi e os Projetos Hidrelétricos, 1998.
32. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Apuap World Hearing: A Note on the Kamayurá Phono-Auditory System and on the Anthropological Concept of Culture, 1998.
33. SÁEZ, Oscar Calavia. À procura do Ritual. As Festas Yaminawa no Alto Rio Acre, 1998.
34. MENEZES BASTOS, Rafael José de & PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo: Sopros da Amazônia: Ensaio-Resenha sobre as Músicas das Sociedades Tupi-Guarani, 1999.
35. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. Milenarismo em Contexto Significativo: os Mucker como Sujeitos, 1999.
36. PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo. Flautas e Trompetes Sagrados do Noroeste Amazônico: Sobre a Música do Jurupari, 1999.
37. LANGDON, Esther Jean. Saúde, Saberes e Ética – Três Conferências sobre Antropologia da Saúde, 1999.

38. CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de. Vida Cotidiana sob a Lente do Pesquisador: O valor Heurístico da Imagem, 1999.
39. TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Os povos Indígenas do Oiapoque: Produção de Diferenças em Contexto Interétnico e de Políticas Públicas, 1999.
40. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part I), 2000.
41. LANGDON, Esther Jean. Saúde e Povos Indígenas: Os Desafios na Virada do Século, 2000.
42. RIAL, Carmen Silvia & GROSSI, Miriam Pillar. Vivendo em Paris: Velhos e Pequenos Espaços numa Metrópole, 2000.
43. TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Missões Jesuíticas na Região do Rio Oiapoque, 2000.
44. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Authenticity and Divertissement: Phonography, American Ethnomusicology and the Market of Ethnic Music in the United States of America, 2001.
45. RIFIOTIS, Theophilos. Les Médias et les Violences: Points de Repères sur la "Réception", 2001.
46. GROSSI, Miriam Pillar e RIAL, Carmen Silvia. Urban Fear in Brazil: From the Favelas to the Truman Show, 2001.
47. CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de. O Estudo do Espaço na Perspectiva Interdisciplinar, 2001.
48. RIAL, Carmen Silvia. 1. Contatos Fotográficos. 2. Manezinho, de ofensa a troféu, 2001.
49. RIAL, Carmen Silvia. Racial and Ethnic Stereotypes in Brazilian Advertising. 2001
50. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part II), 2002.
51. RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do Ciberespaço. Questões Teórico-Metodológicas sobre Pesquisa de Campo e Modelos de Sociabilidade, 2002.
52. MENEZES BASTOS, Rafael José de. O índio na Música Brasileira: Recordando Quinhentos anos de esquecimento, 2002
53. GROISMAN, Alberto. O Lúdico e o Cósmico: Rito e Pensamento entre Daimistas Holandeses, 2002
54. MELLO, Maria Ignez Cruz. Arte e Encontros Interétnicos: A Aldeia Wauja e o Planeta, 2003.
55. SÁEZ, Oscar Calavia. Religião e Restos Humanos. Cristianismo, Corporalidade e Violência, 2003.
56. SÁEZ, Oscar Calavia. Un Balance Provisional del Multiculturalismo Brasileño. Los Indios de las Tierras Bajas en el Siglo XXI, 2003.
57. RIAL, Carmen Silvia. Brasil: Primeiros Escritos sobre Comida e Identidade, 2003.
58. RIFIOTIS, Theophilos. As Delegacias Especiais de Proteção à Mulher no Brasil e a «Judicialização» dos Conflitos Conjugais, 2003.
59. MENEZES BASTOS, Rafael José. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part III), 2003.
60. REIS, Maria José; CATULLO, María Rosa & CASTELLS, Alicia Norma González de. Ruptura e Continuidade com o Passado: Bens Patrimoniais e Turismo em duas Cidades Relocalizadas, 2003.
61. MÁXIMO, Maria Elisa. Sociabilidade no "Ciberespaço": Uma Análise da Dinâmica de Interação na Lista Eletrônica de Discussão "Cibercultura", 2003.
62. TEIXEIRA PINTO, Márnio. Artes de Ver, Modos de Ser, Formas de Dar: Xamanismo e Moralidade entre os Arara (Caribe, Brasil), 2003.
63. DICKIE, Maria Amélia Schmidt, org. Etnografando Pentecostais: Três Casos para Reflexão, 2003.
64. RIAL, Carmen Silvia. Guerra de Imagens: o 11 de Setembro na Mídia, 2003.
65. COELHO, Luís Fernando Hering. Por uma Antropologia da Música Arara (Caribe): Aspectos Estruturais das Melodias Vocais, 2004.
66. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Les Batutas in Paris, 1922: An Anthropology of (In) discreet Brightness, 2004.
67. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Etnomusicologia no Brasil: Algumas Tendências Hoje, 2004.
68. SÁEZ, Oscar Calavia. Mapas Carnales: El Territorio y la Sociedad Yaminawa, 2004.
69. APGAUA, Renata. Rastros do outro: notas sobre um mal-entendido, 2004.
70. GONÇALVES, Cláudia Pereira. Política, Cultura e Etnicidade: Indagações sobre Encontros Intersocietários, 2004.
71. MENEZES BASTOS, Rafael José de. "Cargo anti-cult" no Alto Xingu: Consciência Política e Legítima Defesa Étnica, 2004.
72. SÁEZ, Oscar Calavia. Indios, territorio y nación en Brasil. 2004.
73. GROISMAN, Alberto. Trajetos, Fronteiras e Reparações. 2004.
74. RIAL, Carmen Silvia. Estudos de Mídia: Breve Panorama das Teorias de Comunicação. 2004.
75. GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. 2004.

76. MENEZES BASTOS, Rafael José de. O Pensamento Musical de Claude Lévi-Strauss: Notas de Aula. 2005.
77. OLIVEIRA, Allan de Paula. Se Tônico e Tinoco fossem Bororo: Da Natureza da Dupla Caipira. 2005.
78. SILVA, Rita de Cácia Oenning. A Performance da Cultura: Identidade, Cultura e Política num Tempo de Globalização. 2005.
79. RIAL, Carmen Sílvia. De Acarajés e Hamburguers e Alguns Comentários ao Texto 'Por uma Antropologia da Alimentação' de Vivaldo da Costa Lima. 2005.
80. SÁEZ, Oscar Calavia. La barca que Sube y la Barca que Baja. Sobre el Encuentro de Tradiciones Médicas. 2005.
81. MALUF, Sônia Weidner. Criação de Si e Reinvenção do Mundo: Pessoa e Cosmologia nas Novas Culturas Espirituais no Sul do Brasil. 2005.
82. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Uma Antropologia em Perspectiva: 20 Anos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. 2005.
83. GODIO, Matias. As Conseqüências da Visão: Notas para uma Sócio-Montagem Etnográfica. 2006.
84. COELHO, Luis Fernando Hering. Sobre as Duplas Sujeito/Objeto e Sincronia/Diacronia na Antropologia: Esboço para um Percurso Subterrâneo. 2006.
85. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Arte, Percepção e Conhecimento - O 'Ver', o 'Ouvir' e o 'Complexo das Flautas Sagradas' nas Terras Baixas da América do Sul. 2006.
86. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Música nas Terras Baixas da América do Sul: Estado da Arte (Primeira Parte). 2006.
87. RIAL, Carmen Sílvia. Jogadores Brasileiros na Espanha: Emigrantes, porém... 2006.
88. SÁEZ, Oscar Calavia. Na Biblioteca: Micro-ensaios sobre literatura e antropologia. 2006.
89. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Música nas Terras Baixas da América do Sul: Estado da Arte (Segunda Parte). 2006.
90. TEIXEIRA PINTO, Márnio. Sociabilidade, Moral e Coisas Afins: Modelos Sociológicos e Realidade Ameríndia. 2006.
91. TEIXEIRA PINTO, Márnio. Disfarce Ritual e Sociabilidade Humana entre os Arara. (Karib, Pará), 2006.
92. LANGDON, Esther Jean. Shamans and Shamanisms: Reflections on Anthropological Dilemmas of Modernity. 2006.
93. GROISMAN, Alberto. Interloquções e Interlocutores no Campo da Saúde: Considerações sobre Noções, Prescrições e Estatutos. 2007.
94. LANGDON, Esther Jean. Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs. 2007.

***ANTROPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO***  
**é uma publicação do Programa de**  
**Pós-graduação em Antropologia Social da UFSC**

**Correspondência para aquisição ou intercâmbio**

**PPGAS/CFH/UFSC**

**Florianópolis/SC - CEP 88.040-970**

**Fone/Fax: 48-3721.9714**

**Emails: [antropos@cfh.ufsc.br](mailto:antropos@cfh.ufsc.br)**

**[ilha@cfh.ufsc.br](mailto:ilha@cfh.ufsc.br)**